

*Bajo los poderosos auspicios de Rosas: Pedro de Angelis e sua “Colección” de documentos históricos**

DEISE CRISTINA SCHELL**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Durante o governo de Juan Manuel de Rosas alguns letrados tiveram o encargo de publicizar o seu regime através de periódicos que circulavam a partir de Buenos Aires. O erudito napolitano Pedro de Angelis foi um deles. Além de ser um dos principais jornalistas do rosismo, De Angelis era arrendatário da *Imprenta del Estado* e um aficionado em colecionar documentos históricos. Entre 1835 e 1839, ele publicou uma compilação documental intitulada “Colección de Obras y Documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata”. Apesar de ser um projeto pessoal, a obra de De Angelis foi dedicada a Rosas. Neste artigo demonstraremos que havia na seleção, na reunião e na publicação de documentos sobre a história do Prata e nos escritos realizados por Pedro de Angelis na “Colección” um objetivo pragmático: sustentar e divulgar o poder e o discurso rosistas.

Palavras-chave: Pedro de Angelis; Juan Manuel de Rosas; Coleção.

Abstract: Juan Manuel de Rosas commissioned scholars to propagate his regimen through the periodicals that circulated from Buenos Aires during his administration. Neapolitan erudite Pedro de Angelis was one of them. Besides being one of the main journalists to support *rosismo*, De Angelis was the tenant of the *Imprenta del Estado* – the government printing house – and an aficionado of historical documents. He published a documental compilation named “Colección de Obras y Documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata” between 1835 and 1839. De Angelis’ work was dedicated to Rosas, despite it being a personal project. In this paper, we will demonstrate that what is on the selection, assembling and publication of such documents related to the history of the Rio de la Plata region and on Pedro de Angelis’ writings in the “Colección” had a pragmatic goal: to sustain and disclose Rosas’ power and discourse.

Keywords: Pedro de Angelis; Juan Manuel de Rosas; Collection.

* Recebido em 10 de setembro de 2015 e aprovado para publicação em 04 de outubro de 2015.

** Doutoranda em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Este artigo é parte da investigação da tese de doutorado que está em andamento, intitulada, provisoriamente, “Colecionando documentos, escrevendo história, imaginando uma nação: Pedro de Angelis e sua operação historiográfica (1835-1852)”. E-mail: deisecris@gmail.com.

Pedro de Angelis e sua “Colección”

As páginas do periódico bonaerense *La Gaceta Mercantil* traziam impresso, em sua edição de 23 de outubro de 1835, um prospecto elaborado por Pedro de Angelis. Nele, o erudito anunciava o lançamento de uma coleção de documentos históricos relacionados ao Prata, que então editava. Ciente de que os manuscritos e as obras que abordavam o passado da região estavam guardadas em bibliotecas privadas como a que possuía e aquelas que costumava visitar, alertava ao público que os documentos corriam o risco de desaparecer daqueles domínios e ressaltava o papel que ele e sua coleção tinham para a conservação da “nuestra historia” contida naqueles papéis. Nos dizeres do prospecto, De Angelis afirmava:

Muy raras son las bibliotecas y los museos que sobreviven a sus fundadores; y más raros los documentos que se perpetúan en el país a que pertenecen y a quién más interesa conservarlos. Estas consideraciones nos han impulsado a emprender una colección de obras y papeles relativos a nuestra historia y en su mayor parte inéditos, empezando por la ARGENTINA de Rui Díaz de Guzmán, cuya obra, según el señor Azara, juez competente en la materia, nadie ha eclipsado hasta ahora, a pesar de haber servido de tema y de modelo a todos nuestros historiadores (DE ANGELIS, 1836a, p. II).

Logo depois, ele convidava àqueles que desejassem a subscrever o recebimento da publicação, já que “una obra como la que emprendemos, necesita proteccion y auxilios; y no dudamos que encuentre una generosa acogida en el Gobierno y el público” (DE ANGELIS, 1836a, p. III). A coleção estava sendo pensada por Pedro de Angelis há alguns anos – segundo Josefa Sabor, provavelmente desde finais de 1830 (1995, p. 47) – e era um projeto pessoal do autor, que o preparava paralelamente aos trabalhos que realizava para o governo de Juan Manuel de Rosas. Apesar de a obra ser editada e impressa na *Imprenta del Estado*, na qual De Angelis era o

responsável pelas tarefas litográficas oficiais,¹ não se pode dizer que era uma publicação institucional rosista. Por esta razão, o sucesso e a continuidade da empreitada que o erudito iniciava dependia inteiramente do número de assinantes conquistados e do auxílio por parte do governador da Província de Buenos Aires; apoio sobre o qual, como observaremos adiante, Pedro de Angelis mantinha expectativa.

Os leitores que assinassem a coleção a receberiam em fascículos separados. Cada documento, acompanhado de estudos elaborados pelo autor – como prefácios, proêmios, notícias biográficas, notas de rodapé e índices –, comporia um destes fascículos. Publicados de tempos em tempos até 1839, eles acabaram por formar os seis tomos da obra² e somaram pouco mais de setenta documentos, dos quais cinquenta e sete eram, até aquele momento, inéditos. No material de divulgação, no entanto, De Angelis não prometia a regularidade das publicações, tampouco quais – ou quantos – seriam os documentos editados, com exceção dos dois primeiros: o escrito do conquistador espanhol Ruy Díaz de Guzmán – que o editor chama somente de “ARGENTINA”, grafado assim, em letras maiúsculas, em seu material de divulgação –, e a “Viage a su costa, del Alcalde provincial del muy ilustre Cabildo de Concepcion de Chile, D. Luis de la Cruz, desde el Fuerte de Ballenar, frontera de dicha Concepcion, por tierras desconocidas

¹ Em 1834, Pedro de Angelis firmou contrato direto com o governo da Província de Buenos Aires para seguir à frente da *Imprenta del Estado*, a qual já administrava informalmente, através de um acordo com a família que, em realidade, correspondia à exploração da *Imprenta* (SABOR, 1995, p. 44).

² Por ter sido lançada em fascículos a ser encadernada pelos próprios assinantes, é possível encontrar diferentes versões da edição da *Colección* publicada por Pedro de Angelis através da *Imprenta del Estado*. Em bibliotecas públicas de Buenos Aires nos deparamos com materiais que não continham todos os fascículos, por exemplo. Já em sebos da mesma cidade, encontramos fascículos avulsos para venda. Para esta pesquisa estamos utilizando duas versões: uma que está depositada na Biblioteca Pública de Lyon e que foi digitalizada pelo Google, estando disponível online. A outra, também disponibilizada gratuitamente na internet, pertence à *Librerly of Congress* do *Smithsonian Institution* e é possível acessá-la através do Portal Periódicos Capes. Além da primeira edição da *Colección*, há outras duas: uma publicada em 1910 pela editora J. Lajouane & Cía, de Buenos Aires, e outra lançada na mesma cidade através da editora Plus Ultra entre 1969 e 1972, com organização e prólogos de Andrés M. Carretero.

y habitadas de índios Barbaros, hasta la ciudad de Buenos Aires [...]”. Pelo fato de não divulgar com antecipação quais materiais fariam parte de sua “Colección” e pela falta de um ordenamento, seja cronológico ou temático, do lançamento dos documentos, imaginamos que Pedro de Angelis não soubesse se teria em mãos, no momento da divulgação do prospecto e mesmo durante o período que passou editando a obra, a documentação que formaria parte de sua coletânea e que levaria ao público, como voltaremos a discutir adiante. Por esta razão, ele assegurava

á los Señores que se dignen proteger nuestra empresa que no perdonaremos gasto ni trabajos para que corresponda al objeto que nos demos propuesto, y á los sufragios à que aspiramos. Y para que merezcan mas crédito nuestras promesas, nos cabe la satisfaccion de anunciar desde luego, que hemos solicitado y conseguido de la liberalidad del Sr. Canónigo Dr. D. Saturnino Segurola, tan docto como generoso, que nos franquee algunos manuscritos que tiene acopiados en su selecta biblioteca (DE ANGELIS, 1836a, p. III).

A “Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Rio de la Plata” começou a ser distribuída ao público ainda em 1835, quando os quatro fascículos iniciais foram editados. A lista de subscritores figurava no primeiro deles, e não era curta: totalizava 488 nomes, entre pessoas das Províncias de Buenos Aires e Córdoba e do Estado Oriental (DE ANGELIS, 1836a, p. I-VII). Nos meses finais daquele ano, De Angelis demonstrava satisfação com o retorno recebido de seus leitores. Em uma carta enviada ao seu amigo Florentino Castellanos, dizia que, apesar do tempo que os trabalhos de edição e impressão da obra lhe tomavam, ia adiante, animado que estava “con la proteccion del público, que esta vez ha se mostrado generoso conmigo” (Carta de don Pedro de Angelis a Don Floro Castellano. In: BECÚ; TORRE REVELLO, 1941, p. XLIV).

Entre tantos assinantes, encontramos personagens como Florencio Varela, Juan María Gutiérrez e Esteban Echeverría, que em breve fariam parte do Salão Literário de Marcos Sastre (que também era assinante da “Colección”) e ficariam conhecidos como membros da Geração de 1837,

ativo grupo de escritores românticos e opositores do Governo de Rosas.³ Em uma carta escrita em 31 de outubro de 1835, Varela contava a Gutiérrez que a divulgação da coleção de Pedro de Angelis havia chegado em suas mãos. Dizia:

Ese de Ángelis, dotado de tanta capacidad cuanta es la perversidad de su carácter, ha hecho llegar a mis manos no sé por mano de quién el Prospecto de la Colección de obras y documentos inéditos relativos à la Historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata. El Editor puede, en mi sentir, hacer una publicación importantísima porque tiene abundantes materiales, de los que algunos deben a mi necia condescendencia y a mi fácil credulidad. (*apud* MOGLIA; GARCÍA, 1979-1981, p. 190.)

Florencio Varela, como vimos em sua correspondência, mesmo reconhecendo a potencialidade e a importância da “Colección”, não via com bons olhos o seu editor e lançava desconfianças sobre a forma como ele havia alcançado os documentos que publicaria, afirmando que alguns teriam sido conseguidos, inclusive, graças à sua própria ingenuidade e condescendência.⁴ O mesmo ocorria com Esteban Echeverría: ele apoiava e adquiria a coleção, como vimos, mas seria um dos principais antagonistas de Pedro de Angelis, especialmente em razão de sua atuação como defensor e publicista dos atos e das ideias de Juan Manuel de Rosas.

Na já famosa e discutida polêmica protagonizada entre os dois, que teve como estopim uma crítica de De Angelis à obra “Dogma Socialista”

³ Por suas posições políticas, Pedro de Angelis travou uma série de querelas com os intelectuais da Geração de 1837, um grupo de escritores e pensadores argentinos alinhados com ideias liberais e opositores de Rosas. De Angelis nunca chegou a compartilhar das mesmas ideias políticas e do prestígio que acabaram recebendo, posteriormente, os homens deste círculo letrado, como Sarmiento, Echeverría, Rivera Indarte e Alberdi.

⁴ A partir da década de 1840, Pedro de Angelis passou a ser acusado de ter roubado as obras e o conjunto de documentos que possuía dos arquivos e bibliotecas públicas de Buenos Aires. Sua coleção pessoal, então, passou a ser vista com desconfiança e as penas de Florencio Varela e de José Riveira Indarte atribuíram-lhe epítetos como “bribón”, “mal napolitano” e “ladrón” (DÍAZ MOLANO, 1968, p. 303).

publicada por Echeverría em 1846,⁵ o intelectual argentino fez duros julgamentos sobre a “Colección”. Em uma série de textos produzidos em 1847 e intitulados “Cartas a don Pedro de Angelis”, Esteban Echeverría dizia, dirigindo-se ao napolitano, que, quando aquela obra foi anunciada, todos “los que habian visto con dolor malgastar desde el año 26 [sic] su inmenso talento en las efímeras ojas de la prensa periódica, esclamaron; – ya lo verán lo que es ese napolitano, ya tiene cancha para su ingenio; nada menos que historiador [...]” (ECHEVERRÍA, 1873, p. 247). No entanto, apesar da expectativa dos leitores sobre a “Colección”, prosseguia o argentino, “¡cual fué el asombro, al ojear con avidéz los Documentos!... No había allí luz alguna, sino fárrago, fárrago en infólios” (ECHEVERRÍA, 1873, p. 248). Para Echeverría, teria sido “más útil al país” que De Angelis “guardase archivados todos esos Documentos” até que outro estudioso “los clasificase y examinase á luz de alta y filosófica critica, los ilustrase con anotaciones concienzudas y mejor escritas que las suyas, y los regalase impresos á su pátria y á la ciencia histórica” (ECHEVERRÍA, 1873, p. 250).

Segundo Adriana Amante, as queixas de Florencio Varela e de Esteban Echeverría têm maior relevância quando se imagina que os dois amigos compartilhavam com De Angelis o afã colecionista (2010, p. 231), o interesse pelo passado do Prata e, como ele, possuíam grandes bibliotecas, mas, no entanto, se encontravam em campos ideológicos distintos. Os dois românticos opositores de Rosas postulavam-se “como custodios de su patrimonio” e estavam “abocados en la tarea de darle forma y sustancia a la memoria de la pátria” (AMANTE, 2010, p. 231), mas assistiam ao napolitano “lacayo del Restaurador” (ECHEVERRÍA, 1873, p. 240) promover e concluir uma “Colección de obras y documentos” sobre a história platina

⁵ O debate entre De Angelis e Echeverría é bastante citado na historiografia. Em janeiro de 1847, alguns meses após a publicação do “Dogma Socialista” por Esteban Echeverría, Pedro de Angelis escreveu para o *Archivo Americano* o artigo “Dogma Socialista: juicios sobre este libelo”. Nele, o napolitano classificou a obra como escrita por ‘traidores’, ‘submetidos a influências estrangeiras’, ‘inimigos dos defensores da lei’ e dos ‘protetores dos direitos do povo’” (SCHEIDT, 2008, p. 100). Echeverría respondeu utilizando o mesmo tom, “acusando De Angelis de ser o principal representante da ‘imprensa mazorqueira’, além de ser ‘estrangeiro mercenário’ e ‘difamador’” (*Idem*).

que iniciava com uma dedicatória endereçada ao combatido governador da Província de Buenos Aires.

Uma “Colección” dedicada a Juan Manuel de Rosas

Na lista de subscritores da “Colección”, um deles se destacava: encabeçando a nominata e em letras garrafais estava não só o governo da Província de Buenos Aires, acompanhado do governo francês, mas também o “Exmo. Señor BRIGADIER GENERAL D. JUAN MANUEL DE ROSAS, RESTAURADOR DE LAS LEYES, GOBERNADOR Y CAPITAN GENERAL” (DE ANGELIS, 1836a, p. I). Esse não era o único lugar ocupado por Rosas na obra de Pedro de Angelis. Era ao governador que o erudito dedicava a sua coletânea de documentos. A dedicatória estava expressa e impressa na forma de um texto, através do qual o editor laureava o governante, e de um retrato seu, encomendado especialmente para a ocasião (BECÚ; TORRE REVELLO, 1941, p. 15). Ambas homenagens deveriam integrar as primeiras laudas do volume inaugural, conforme as recomendações que De Angelis dava aos seus leitores quanto à disposição dos fascículos no conjunto final da obra.⁶

Dedicar a “Colección” a Juan Manuel de Rosas e colocá-la “bajo sus poderosos auspicios” (DE ANGELIS, 1836a, s/n) significava, para Pedro de Angelis, que a obra merecia o auxílio do governo para manter-se através do tempo e dos tomos pretendidos; apoio que ia além do uso da *Imprenta del Estado* para sua publicação e da aquisição dos seus números. Editar e imprimir uma coleção de documentos históricos do porte daquela imaginada por De Angelis demandaria não só um longo tempo de trabalho

⁶ Segundo Becú e Torre Revello, diferentemente dos textos da coletânea, o retrato de Juan Manuel de Rosas era vendido avulso e deveria ser adquirido diretamente na *Imprenta del Estado* para aqueles que quisessem “adornar” o primeiro tomo, como sugeria Pedro de Angelis (BECÚ; TORRE REVELLO, 1941, p. 15). Imaginamos que somente os apoiadores do governo rosista seguiram essa instrução e adicionaram às suas coletâneas a imagem do general. Os dois exemplares da *Colección* consultados para esta investigação não continham tal figura.

de seu autor, entre buscas e cópias de documentos – para cuja tarefa, muitas vezes, contratava copistas – estudos, investigações, traduções e escrita,⁷ mas despenderia recursos em materiais para a tarefa editorial, como papeis. Em troca da proteção recebida, De Angelis projetava fazer de sua obra um instrumento de defesa de Rosas e das suas ideias federalistas, construindo uma imagem positiva do governante e de seu projeto. Não é por acaso que ele escrevia ao general que: “Si la obra que tengo el honor de presentarle logra merecer sus sufragios, y hacerse digna de su ilustrada protección, habré conseguido en gran parte el objeto que me propuse al emprenderla” (DE ANGELIS, 1836a, s/n).

Por esta razão, apesar de, como dissemos inicialmente, a “Colección” não ter sido encomendada por Juan Manuel de Rosas a Pedro de Angelis, de não ter sido publicada em nome da Confederação Argentina ou ter sido amparada por uma instituição de saber estatal, não há como não pensar que o lugar de produção a partir do qual o autor selecionou, reuniu, editou e criticou os seus documentos históricos foi o governo rosista. De Angelis foi o mais importante jornalista oficial dos dois períodos em que Rosas esteve no poder, entre 1829 e 1852 (MYERS, 1995, p. 37). Sua atuação como editor e articulista nos periódicos *El Lucero* (1829-1833), *Restaurador de las Leyes* (1833) e *El Monitor* (1833) durante os primeiros governos do Partido Federalista na Província de Buenos Aires em que se sucederam Juan José Viamonte, Juan Manuel de Rosas, Juan Ramon Balcarce e novamente Viamonte, e no *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo* (1843-1851), publicado no decorrer da segunda gestão de Rosas como governador, foram fundamentais para o comprometimento do

⁷ No início de nosso escrito, citamos uma carta escrita por Pedro de Angelis ao seu amigo Florentino Castellanos. Na mesma epístola, o napolitano comentava o seu trabalho na *Colección* dizendo que “La obra que he emprendido, me tiene ocupado incesantemente, porque, a más de mi intervencion como editor, o impresor, tengo que decir algo de mi cuenta, y hacer mis reches, para acertar lo que tengo que decir. Agregue U. la escasez de obra spara consultar, de hombres versados en esta clase de disquisiciones; y por fin la brega que tengo con los amanuenses, los impresores, los lenguaraces, los vocabularios imperfectísimos de idiomas indios, y decida Ud. Si sobran motivos para eloquecer a un viviente” (Carta de don Pedro de Angelis a Don Floro Castellano. In: BECÚ; TORRE REVELLO, 1941, p. XLIV).

erudito com o federalismo rosista. Eduardo Scheidt (2008), em sua tese de doutorado em que analisa a trajetória de três napolitanos no Rio da Prata e sua importância para a circulação de ideias naquele território, entre os quais Pedro de Angelis, demonstra como os seus textos jornalísticos foram explicitando, progressivamente, não só a sua adesão pessoal ao projeto dos federalistas partidários de Rosas, mas a tarefa que assumia na sustentação política do governo do general. De Angelis (1995, p. 38) acabou por ser tornar, nas palavras de Jorge Myers, “el propagandista culto más eficaz con que podía contar el régimen”.

O ano em que o erudito publicava os primeiros fascículos da “Colección” coincide com o início da segunda e mais duradoura gestão do rosismo. Em 1835, Juan Manuel de Rosas voltava ao comando da Província de Buenos Aires após dois anos afastado, tempo durante o qual havia realizado, como comandante general, a Campanha do Deserto – uma expedição contra os indígenas que habitavam o território ao norte do rio Negro, com o intuito de avançar a fronteira e incorporar aquele espaço à esfera produtiva, sobre a qual trataremos mais adiante. Ele havia sido eleito novamente pela Sala de Representantes no dia 7 de março, agora investido da “suma del poder público” da Província durante “todo el tiempo que a juicio del gobernador electo fuese necesario” (SÁBATO; LETIERRI, 2003, p. 335), com o propósito de “defender y sostener la causa nacional de la Federación que han proclamado todos los pueblos de la República” (TERVANASIO, 2009, p. 199). Àquele momento, fazia pouco menos de um ano que Pedro de Angelis havia firmado contrato para arrendar a *Imprenta del Estado*, tornando-se tipógrafo do governo. De outro lado, as suas tarefas como jornalista eram quase nulas e estavam reduzidas à escrita esporádica de artigos para *La Gaceta Mercantil*, que tomava, então, uma posição abertamente rosista (SABOR, 1995, p. 47).

O cenário se mostrava ideal para que De Angelis se dedicasse a publicar a sua “Colección”: como não estava comprometido com a edição de nenhum periódico, tinha tempo disponível para buscar os documentos e escrever os textos que fariam parte da obra. Além disso, a imprensa pública estava à sua disposição e a conjuntura política permitia que ele vinculasse seu acalentado projeto pessoal ao de Juan Manuel de Rosas, que, como

vimos, regressava ao poder com faculdades extraordinárias e que garantia ao napolitano, desde 1829, ofício, certa estabilidade financeira e a possibilidade de ser lido (e, portanto, de circular) na sociedade letrada bonaerense. A “Colección”, publicada com a proteção rosista, garantiria à Pedro de Angelis um ofício além do trabalho na tipografia; melhor do que a última, o trabalho realizado na obra era uma ocupação intelectual que lhe permitiria manter, e até mesmo reforçar, o seu prestígio de sábio, ser reconhecido no círculo letrado e aumentar o seu vínculo com homens de letras e sociedades científicas para além do território americano.

Pedro de Angelis explicitava, logo no início da dedicatória da “Colección” a Rosas, a sua adesão positiva ao governo, imprimindo no alto da página os dizeres “¡VIVA LA FEDERACIÓN!”, marca de identificação rosista que, bem como “Viva la Confederación, Mueran los Salvajes Unitários!”, seria utilizada em periódicos, documentos, textos e correspondências de partidários de Rosas até o final do regime (MYERS, 1995, p. 32). O uso destas divisas se tornou frequente desde 1835, quando o governo rosista iniciou, gradualmente, a construção de uma nova ordem, marcada pela elaboração de representações simbólicas e de um discurso que se dava em torno da construção de um apoio incondicional à Federação como causa nacional, de um pertencimento a uma comunidade – a Confederação Argentina – e, mais do que tudo, de uma unanimidade política personificada e centralizada na figura de Juan Manuel de Rosas (MYERS, 1995, p. 32; SCHEIDT, 2008, p. 94; BERNALDO DE QUIRÓS, 2008, p. 233). De Angelis foi um dos maiores artífices deste discurso especialmente a partir de 1843, através da escrita de artigos no *Archivo Americano*, periódico institucional da gestão de Rosas do qual o napolitano seria editor. No entanto, como veremos, na escrita da “Colección” alguns elementos do discurso que forjam a ordem rosista já apareciam em diversos momentos.

Segundo Eduardo Scheidt, em seus artigos publicados em *El Monitor* no período em que Rosas esteve afastado do poder, em 1833 e 1834, o erudito reivindicava o retorno do general ao governo da província de Buenos Aires, apontando-o como o único sujeito capaz de “salvar a pátria” das persistentes ameaças à ordem e às instituições de que eram responsáveis tanto pelas facções federalistas rivais ao grupo rosista quanto

pelos governos das províncias do interior (SCHEIDT, 2008, p. 94). Na dedicatória da “Colección”, há um parágrafo em tom laudatório no qual De Angelis se dirigia ao general justamente para afirmar que:

Los importantes servicios que V.E. ha prestado á la Patria, le han colocado justamente en el número de los Génios Tutelares, que aparecen de tiempo en tiempo para reparar los males que agobian á los pueblos y cimentar en leyes benéficas su futura prosperidad y engrandecimiento (DE ANGELIS, 1836a, s/n).

Juan Manuel de Rosas era, pois, segundo a concepção formulada por ele mesmo e seu grupo, o *Restaurador de las Leyes*: o governador surgia como um “gênio tutelar” capaz de “reparar os males” e de garantir a ordem e a estabilidade do “pueblo” argentino. As “leis benéficas” que garantiriam a “futura prosperidade e engrandecimento” da Argentina não eram somente alusões ao corpo de disposições jurídicas promulgado naquele espaço desde a revolução de independência e que as alterações efetuadas nos dois governos rosistas em uma porção importante da legislação rivadaviana pretendiam reparar.⁸ Jorge Myers assinala que, na retórica do regime, as “leis” eram também a expressão de uma “orden moral transcendente, que el rosismo consideraba había sido contestado y violado por los rivadavianos” (MYERS, 1995, p. 75-76) e que, encarnada em Rosas, era recuperada para combater a instabilidade e a anarquia.⁹ O “espírito de ordem” do general

⁸ Um exemplo é a questão da imprensa. Enquanto o projeto reformista de Bernadino Rivadavia tinha a pretensão de promover uma nova cultura literária “a partir de la introducción de la Ley de Prensa sancionada por el gobierno, que permitiría la emergencia de un mayor numero de diarios considerados indispensables a la [...] difusión de las nuevas ideas ligadas a corrientes europeas” (GALLO, 2008, p. 185), em seu primeiro mandato como governador, Juan Manuel de Rosas utilizou suas faculdades extraordinárias para realizar medidas que foram restringindo a liberdade de imprensa. Segundo Wasserman, “entre éstas se destaca el Decreto sancionado en febrero de 1832 que sometía a la prensa a un mayor control del gobierno, el cual se incrementó durante su segundo gobierno (1835-1852) al contar también con la suma del poder público” (WASSERMAN, 2009, p. 134).

⁹ Um componente importante do imaginário construído pelos rosistas foi a imagem de uma república ameaçada por um grupo conspirador, os unitários: eles seriam um “grupo irreformable de alienados mentales, perversos morales y e herejes, siempre dispuesto a

era exaltado por Pedro de Angelis logo no quarto fascículo publicado para a “Colección”. No “discurso preliminar” produzido para a “Descripcion de Patagonia y las partes adyacentes de la America Meridional” do padre jesuíta Tomas Falkner, o erudito napolitano tentava convencer o seu público da importância e do crédito que tinha aquela fonte, já que havia servido para a produção do “gran mapa de América Meridional, del que se ha valido el Sr. Arrowsmith, y que publicó en Madrid en 1775, D. Juan de la Cruz Cano y Omedilla” (DE ANGELIS 1836a, p. VII). Logo em seguida, no entanto, De Angelis afirmava que o diário da expedição ao Colorado e ao Rio Negro realizada “al mando del Ilustrado General ROSAS” estava destinado a “eclipsar” aqueles documentos anteriores, inclusive o próprio relato de Falkner” (DE ANGELIS 1836a, p. VII). Isso porque

El espíritu de órden, que no es la menor prenda de este benemérito Magistrado, ha presidido á todas las operaciones de su memorable campaña, y no dudamos que cuando las demas atenciones que le rodean le dejen el tiempo necesario para coordinar los materiales preciosos que tiene acopiados, se derramará una gran luz sobre el territorio y las tribus que ha conquistado. Lo que se ha impreso ya, aunque en trozos asilados, dá una idea sumamente ventajosa de estos trabajos, que, á mas de las operaciones militares, abrazan la topografia, los cálculos astronómicos y los reconocimientos hidrográficos. Solo entonces podrán rectificarse las imperfecciones de los demas viages existentes; porque esta nueva descripcion de un país poco conocido, la hace el que lo ha examinado, y hecho examinar bajo los auspicios de la victoria (DE ANGELIS 1836a, p. VII-VIII).

De Angelis utilizava a sua narrativa sobre a “Descripcion” de Thomas Falkner para demonstrar aos leitores que Juan Manuel de Rosas havia sido bem-sucedido em sua “memorável” Campanha do Deserto justamente pela sua capacidade de impor a ordem nos espaços de fronteira

subvertir el orden institucional. Ellos constituían la principal amenaza a la continuidad de la república” (SALVATORE, 1998, p. 335).

indígena ao sul de Buenos Aires. Mais do que isso: graças ao comando do general naquela expedição, também havia sido possível elaborar uma série de trabalhos topográficos, astronômicos e hidrográficos que, no futuro, derramariam “uma grande luz sobre o território e as tribos” conquistadas. A nova descrição “de um país pouco conhecido” elaborada por Rosas ajudaria, segundo o erudito, a retificar as imperfeições de outros relatos de viagens já produzidos, como aqueles que estavam sendo publicados na “Colección”. Enquanto o general argentino não publicava os seus “materiais preciosos” que abordavam a Pampa e a Patagônia, Pedro de Angelis buscava, selecionava e criticava outros documentos sobre aquela e outras regiões do Prata para reuni-las na em sua compilação e possibilitar que, através delas, se pensasse o passado e o presente da Confederação Argentina.

A “Colección” como arquivo da Confederação rosista

A Colección, como já afirmamos, foi publicada em diversos fascículos que os leitores que a assinaram receberam entre os anos de 1835 e 1839. O “Índice General de la Colección” foi um dos últimos materiais lançados pelo erudito e onde, pela primeira vez, Pedro de Angelis divulgou ao público a ordem exata que os fascículos deveriam receber para formar a obra completa, a ser organizada em seis tomos. Logo abaixo do índice, ele avisava: “en la colocación de los vários documentos de que se componen la presente Colección, se tomará por guia el índice general que antecede” (ANGELIS, 1837, s/n). A ordem sugerida pelo napolitano acabou sendo a de publicação dos fascículos, talvez para evitar confusão entre seus assinantes que poderiam já haver encadernado alguns de seus exemplares.¹⁰ Assim, como pode ser verificado no “Índice General”¹¹ e conforme afirma

¹⁰ Desde o início da publicação, De Angelis sugeria um encadernador para que “se coloquen los pliegos” nos fascículos dos leitores que o quisessem fazer: “Pueden, se lo prefieren, enviar con confianza sus ejemplares al encuadernador D. Silvestre de Marchi, en la calle Florida núm. 62 que está tambien al cabo del modo, en que deben ordenarse las varias partes de este volumen” (BECÚ; TORRE REVELLO, 1941, p. 11).

¹¹ Falta-nos espaço, aqui, para reproduzir o “Índice General de la Colección” na íntegra.

Fabio Wasserman, a obra de De Angelis acabou por não obedecer “un critério ordenador ya sea cronológico o temático” (2008, p. 65).

Como sugerimos no início do artigo, é bastante provável que os fascículos fossem publicados conforme os documentos iam sendo encontrados, selecionados e trabalhados pelo autor. São três os indícios que nos levam a associar a ausência de uma organização sistemática do material da *Colección* ao fato de Pedro de Angelis ainda estar coletando os manuscritos ao tempo em que os levava impressos ao público. O primeiro deles é que, como já dissemos, De Angelis nunca divulgou previamente qual seria o conteúdo de sua obra, seja na propaganda que a antecedeu ou na própria coletânea. O segundo, é uma nota do editor que aparece ao final do quarto fascículo, na qual ele anuncia aos seus leitores ter obtido, através da “Señora Bárbara Barquín, viuda del señor D. Pedro Cerviño, [...] vários papeles que conserbaba de su docto esposo”, entre os quais “dos viages científicos e inéditos á la frontera de Brasil, y algunos apuntes importantes, de puño y letra del ilustre viagero español D. Félix Azara” (BECÚ; TORRE REVELLO, 1941, p. 77). De Angelis encerrava a nota afirmando que ditos documentos estavam destinados “á hacer parte de la presente colección” (BECÚ; TORRE REVELLO, 1941, p. 77). De fato, alguns fascículos depois, o “Diario de la navegación y reconocimiento del río Tebicuari” de Azara

Para se ter ideia da organização da obra, segue o conteúdo do seu terceiro volume: “TOMO 3: 14. Descripción geográfica y estadística de la provincia de Santa Cruz de la Sierra, por D. Francisco de Viedma. Discurso preliminar del editor / 15. Fundación de la ciudad de Buenos Aires, por D. Juan de Garay, con otros documentos de aquella época. Discurso preliminar del editor / 16. Actas capitulares, desde el 21 hasta el 25 de Mayo de 1810, en Buenos Aires. Prólogo del editor / 17. Memorias sobre la navegación del Tercero, y otros ríos que confluyen al Paraná, por D. Pedro Andrés García. Introducción del editor / 18.-Fundación de la ciudad de Montevideo, por el Teniente General D. Bruno Mauricio Zavala, con otros documentos relativos al Estado Oriental. Discurso preliminar del editor / 19. Memoria histórica, geográfica, política y económica sobre la Provincia de Misiones de Indios Guaranis, por D. Gonzalo de Doblaz. Discurso preliminar del editor / 20. Diario de un viaje á Salinas Grandes, en los campos del sud de Buenos Aires, por Coronel D. Pedro Andrés García. Informe al Gobierno. Discurso preliminar del editor / 21. Descripción de la Provincia de Tarija, por D. Juan del Pino Manrique. Prólogo del editor / 22. Viage al Rio de la Plata, por Ulderico Schmidel. Noticias biográficas del autor” (DE ANGELIS, 1837, s/n).

foi publicado, material que, segundo De Angelis apontava novamente, estava antes em posse de Bárbara Barquin Cerviño (ANGELIS, 1836b, p. IV). Por fim, outro indício que consideramos é o prospecto de uma segunda edição da *Colección* que o napolitano planejou produzir na década de 1840. Desta vez, aparentemente, Pedro de Angelis já tinha seus documentos em mãos e, em consequência, maior clareza quanto ao seu ordenamento: neste material de divulgação ele afirmava que “En esta segunda série hemos procurado dar una colocación más adecuada á los documentos”. Em seguida, demonstrava quais seriam os temas da documentação publicada em cada um dos tomos e quantos eles seriam: “Tomo 1º - Misiones de Chiquitos; 2º y 3º - Demarcacion de límites de las antiguas posesiones españolas y portuguesas en America; 4º y 5º - Misiones del Paraguay; 6º - topografia e historia de la region Magallanica; 7º y 8º - Documentos oficiales y de gobierno” (INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. *Coleção Instituto Histórico*. Lata 180. Doc. 75. Circular de Pedro de Angelis pedindo a assinatura para uma obra que pretende publicar sobre as Províncias do Rio da Prata. Buenos Aires, março de 1841). Esta nova coleção planejada por De Angelis, no entanto, nunca chegou a ser publicada.

Apesar da ausência de uma ordem cronológica ou temática, é possível observar que entre as fontes históricas reunidas pelo erudito na *Colección* estavam incluídas aquelas que referiam-se aos fatos históricos cujo conhecimento poderia constituir um aporte na construção de um passado relevante e glorioso (WASSERMAN, 2008, p. 67), abordando desde as primeiras expedições de conquista protagonizadas por espanhóis na região platina e o encontro com os nativos, a fundação de Buenos Aires, até chegar às atas capitulares de 1810. Já que “los pueblos modernos no tienen que buscar su origen en los poetas y mitólogos: los historiadores son sus genealogistas, y del primer día de su existencia puede hablarse con tanto acierto como de un acontecimiento contemporáneo” (ANGELIS, 1836d, p. I), as experiências passadas poderiam ser resgatadas e a biografia da Confederação Argentina poderia ser perfeitamente narrada a partir da documentação por ele estabelecida, tendo como ponto de partida as populações indígenas estabelecidas no sul do continente americano antes da chegada dos conquistadores hispânicos.

Os documentos – coloniais ou do período pós-independência – eram considerados relatos objetivos pelo erudito, sendo possível hierarquizá-los a partir de critérios de legitimação, preferindo uns aos outros. Assim, Pedro de Angelis somente publicava fontes produzidas por autores que considerava “confiáveis”.¹² Cuidado com o estilo e a qualidade da escrita, o fato de a narração ter sido produzida por uma pessoa que testemunhou ou viveu os acontecimentos descritos, a riqueza de detalhes e a precisão das informações fornecidas¹³ eram critérios que, para De Angelis, tornavam um documento mais verdadeiro, fiável e, portanto, válido para a escrita da história. Assim, para que ela pudesse ser produzida no futuro, o napolitano não só buscava exaustivamente documentos, mas selecionava e criticava suas fontes históricas, acompanhando-as de escritos e estudos – entre notícias biográficas, proêmios, prólogos, índices geográficos e notas de rodapé.¹⁴ Começava-se a compreender naquele momento, afinal, que “la

¹² No texto que introduzia a “Viaje al Río de la Plata”, crônica sobre a viagem do conquistador bávaro Ulrico Schmidl ao Sul da América realizada entre 1536 e 1553, o italiano desqualificou todos os outros relatos coetâneos e afirmou que o texto de Schmidl era “la única fuente en que deben beber lo que se proponen seguir los primeros pasos de los europeos en estas remotas regiones” (DE ANGELIS, 1836c, p. IV). De Angelis exaltava a qualidade da escrita do bávaro e, por se mostrar tão “cuerto en sus demás detalles” (DE ANGELIS, 1836c, p. III), questionava os seus leitores: “¿Quien no preferirá la ingenua relación del que concurrió á la fundación de Buenos Aires y la Asumpcion, á las páginas más elocuentes de los modernos historiadores?” (DE ANGELIS, 1836, p. III). Para não deixar dúvidas quanto à veracidade do escrito de Ulrico Schmidl, Pedro de Angelis ainda inseriu uma grande quantidade de notas de rodapé em sua edição da crônica, apontando passagens de outras obras – principalmente “La Argentina” de Martín del Barco Centenera e os “Comentários” de Cabeza de Vaca – que coincidiriam e, dessa forma, confirmariam o conteúdo da “Viaje al Río de la Plata”

¹³ Assim, por exemplo, os “Anales del descubrimiento, población y conquista de las provincias del Río de la Plata” produzidos em 1612 pelo conquistador espanhol Ruy Díaz de Guzmán, o “primer historiador de estas provincias” vão entrar para o rol dos materiais insuspeitos por terem sido escritos por um “un testigo, y actor á veces de estas hazañas”, que descreveu “los principales detalles” da conquista espanhola no sul da América (DE ANGELIS, 1836a, p. II).

¹⁴ Anthony Grafton afirma que a utilização das notas de rodapé como elemento de prova tornaria o texto histórico um produto passível de verificação e, assim, ele alcançaria o estatuto de cientificidade. Para o pesquisador norte-americano, a utilização das notas foi um dos passos mais decisivos para a emergência de uma concepção moderna de historiografia (GRAFTON, 1998, p. 30-31).

historia, si quería constituirse en una forma de conocimiento válida, tenía que basarse en el análisis crítico de documentos” (WASSERMAN, 2010, p. 28). Selecionar, transcrever, instituir os documentos, estabelecê-los como prova documental e transformá-los em um conjunto – “coleção”, para De Certeau (2002, p. 81), “arquivo”, segundo Ricoeur (2007, p. 146) – é o passo primordial para escrever a história, como hoje bem sabemos: “Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira” (CERTEAU, 2002, p. 81).

Através da formatação de um arquivo - a *Colección* - De Angelis acabou por produzir representações do passado da Confederação, exaltar o projeto de Rosas, divulgar o seu discurso e, ainda, delinear os seus domínios e orientar suas ações futuras, dotando seu *corpus* documental de um sentido político e utilitário. Conforme o próprio De Angelis afirmara, naquele momento “lo que más importa es reunir hechos para rectificar conjeturas, sacar el país de la oscuridad en que yace, y delinear su fisionomía actual” (DE ANGELIS, 1837, p. II). Por isso, no conjunto de documentos reunido por ele estavam selecionados aqueles que servissem de evidência para que se reivindicasse e defendessem os direitos da Confederação Argentina em possíveis disputas territoriais, afinal, o regime de Juan Manuel de Rosas tinha “la pretensión de unificar políticamente el territorio rioplatense tomando como modelo la traza del antiguo virreinato” (WASSERMAN, 2008, p. 139). Assim, Pedro de Angelis editou os tratados de limites entre as Coroas Espanhola e Portuguesa, além de relatos de expedições demarcatórias do período colonial relativos ao interior do Vice-Reinado do Rio da Prata, sob o argumento de que “los nuevos gobiernos, que han heredados los derechos de sus respectivas metrópolis, tendrán que emprender grandes trabajos para fijarlos” (DE ANGELIS, 1836d, p. II). Desta feita, “se sentirá la utilidad de estas publicaciones, que aunque incompletas, ministran datos importantes para hacer cumplir los tratados” (DE ANGELIS, 1836d, p. II).

Notamos ainda um interesse de De Angelis por incorporar à sua “Colección” aquela documentação que tratasse das áreas da Argentina que, à época da publicação, ainda eram pouco conhecidas ou exploradas: não somente os escritos históricos sobre as províncias do interior, mas

também aqueles que descreviam a Pampa, a Patagônia, o Chaco e o norte da Argentina foram privilegiados, pois importantes na delimitação do espaço governado por Juan Manuel de Rosas e úteis para orientar e efetivar a exploração econômica e a ocupação dos lugares com potencial econômico e/ou considerados “vazios”. Nos documentos da “Colección”, estavam as chaves e as rotas através dos rios para adentrar no interior argentino.

Vemos, pois, que na “Colección” de Pedro de Angelis, os limites do poder de Rosas avançavam desde Buenos Aires às províncias do interior e às zonas de fronteira. A Campanha do Deserto é citada sempre que possível na obra para, além de lembrar dos feitos do “restaurador de las leyes”, afirmar que em 1833, “el Señor General ROSAS” já havia levado “las fronteras de Buenos Aires hasta la línea del Rio Negro”, modificando as “vanguardias de nuestro territorio” que antes eram as “Sierras del Volcan, del Tandil y del Tapaquen” e que “solo por el lado de la costa se extendia hasta el establecimiento de los Patagones en las barras del Rio Negro” (DE ANGELIS, 1836a, p. I). Se De Angelis escrevia no “Discurso Preliminar a la Memoria de Viedma sobre Patagonia” que naquele documento dirigido à administração colonial Francisco Viedma ponderava sobre “la utilidad de ocupar la isla de Choelechel”, era para logo a seguir afirmar que estes “sábios pensamientos fueron desatendidos” pela Coroa Espanhola, mas que “al cabo de un medio siglo, el Señor General ROSAS ha tenido la gloria de realizarlos” (DE ANGELIS, 1836a, p. III). O mesmo ocorre na curta “Advertencia del editor” na qual o letrado napolitano apresentava o “Proyecto de las fronteras de Buenos Aires al Rio Negro y Colorado”, produzido por Sebastian Undiano y Gastelú após uma inspeção nas guardas e nos fortins realizada em 1796 e que versava “sobre la extension de que es susceptible nuestra frontera” (DE ANGELIS, 1836a, s/n). Ali, De Angelis escrevia que:

La idea de ocupar la isla de Choelechel es la que domina este proyecto; y todas las ventajas que pueden sacarse de esta ocupacion estan tan claramente indicadas, que el que prescindiese de la fecha, creeria que esta memoria fuese un comentario apologetico de la última campaña del Señor General ROSAS (DE ANGELIS, 1836a, s/n).

Pedro de Angelis argumentava que, apesar de a Coroa Espanhola ter realizado viagens de exploração em diversas regiões do interior e da fronteira argentina, como ficaria claro nos documentos publicados, muitas vezes não dava ouvidos às recomendações feitas pelos seus funcionários para que se ocupasse, desenvolvesse e estudasse com profundidade os espaços de “vasto deserto” (DE ANGELIS 1836a, p. V). O napolitano afirmava que “antes de los ultimos acontecimientos practicados por órden del Sr. General Rosas, poco o nada se sabía del Rio Colorado y del Negro, sin embargo de haber sido explorados repetidas veces en tiempos del gobierno peninsular” (DE ANGELIS, 1837, p. XIII). A parte mais austral do continente americano, segundo De Angelis estivera “sometida nominalmente á la dominación española”, mas “se había mantenido en un estado absoluto de separación y indepedencia” (DE ANGELIS, 1836a, p. I):

Sea que se le mirase con indiferencia; o más bien que se le considerase como una conquista árdua y superior á los exíguos recursos de que podían disponer, cierto es que muy pocas fueron las tentativas que se hicieron, en el curso de más de dos siglos, para estender hácia el sud los límites del vireinato de Buenos Aires (DE ANGELIS, 1836a, p. I).

Na leitura que De Angelis fez dos documentos que tratam dos anos subsequentes à colonização do espaço sul da América, sobravam motivos para criticar a administração hispânica e os rumos que a monarquia de além-mar destinara aos territórios e povos aqui submetidos. O desinteresse em relação às informações coletadas pelos funcionários reais sobre os lugares inexplorados e o esquecimento relegado aos documentos que continham esses dados eram, para nosso personagem, sintomas do descaso da Coroa em relação ao desenvolvimento da região platina e seu interior. Este descaso – ou indolência, apatia – dificultava o progresso e a manutenção da ordem no território da Confederação ou, nas palavras de De Angelis, “han contribuído principalmente á este atraso, que ha trabado los progresos de la ciencia y el desarrollo de la población en estas partes del globo” (DE ANGELIS, 1836a, p. I). Assim, por exemplo, para o napolitano, “la *indolencia*

del gobierno español en hacer explorar los pasos de los Andes” dificultava “la única comunicación que las provincias Argentinas mantenían con las Chilenas, por uno de los puntos más escabrosas de la gran Cordillera” (DE ANGELIS, 1837, p. I, grifo nosso). A relação estabelecida pelo Vice-Reinado com os indígenas, especialmente os do Sul, também foi um aspecto negativo do passado colonial verificado por De Angelis. Para ele, “un gobierno que hubiese sido menos *apático* que el de España, hubiera empleado una parte de los caudales que sacaba de America en examinar un país que le pertenecía, y en arrancar de la barbárie á las tribus que ocupaban” (DE ANGELIS, 1836a, p. I, grifo nosso). Em seu juízo, a Coroa Espanhola “mantuvo el país en la vergonzosa dependencia de los índios, cuando pudo haberlos anonadado” (DE ANGELIS, 1836c, p. III). Desta maneira, os indígenas que ainda viviam no espaço da Confederação eram bárbaros e ferozes que precisavam ser combatidos e enfrentados.

Por esta razão, a campanha militar comandada por Juan Manuel de Rosas àquela região, entre 1833 e 1834, merecia tantas referências na “Colección”. Contrastando com a representação que De Angelis fazia da Coroa Espanhola, o “Sr. General Rosas” tinha um “gênio empreendedor y perseverante” e, por isso, “desplegó el estandarte de la Pátria en los desiertos del sud” e “en una sola campaña anonadó para siempre el poder selvage de los bárbaros” (DE ANGELIS, 1836d, p. VI):

¡Cuán distinta es su suerte atual! – Rechazados por todas partes, tienen que dispersarse en el desierto, ò buscar un abrigo en las fragosidades de la Cordillera, abandonando para siempre esos campos que no podían transitarse sin peligro, y donde las poblaciones se establecen ahora à la sombra del pavellon argentino que flamea triunfante en las márgenes del Rio Negro y del Colorado (DE ANGELIS, 1836c, p. III).

A partir desse momento, o governo de Buenos Aires passou a ter os indígenas da Pampa e da Patagônia sob controle e a fronteira mostrou sinais de estabilidade durante vários anos mais; no entanto aqueles grupos ainda seriam

motivo de preocupação para o governo argentino nos tempos vindouros.¹⁵ Naquela campanha, apesar de não ter havido um avanço da fronteira tradicional, conseguiu-se alcançar a ilha Choele-Choel, no Rio Negro, e o Rio Colorado passou a ser explorado, incrementando as comunicações com Bahía Blanca e Patagones (TERVANASIO, 2009, p. 192). Mas, para Pedro de Angelis, os “ensayos de colonizacion en Patagonia” (DE ANGELIS, 1836a, p. XII) deveriam continuar. Por isso, ele afirmava que “la Republica Argentina debe empeñarse en repetirlos, porque solo en aquellas costas hallará puertos y astilleros para desplegar su poder marítimo” (DE ANGELIS, 1836a, p. XII). Mais do que isso, conforme o napolitano também faltava povoar e estabelecer a ordem em todo o âmbito da Confederação, além de modernizar os longos caminhos que interligavam as diferentes regiões e províncias, incentivando o comércio e garantindo a unificação do território.

No “Índice Geográfico e Histórico” que fez para o relato produzido por Ruy Díaz de Guzmán, De Angelis assinalava a necessidade de navegar o rio Bermejo para ocupar e desenvolver a região do Chaco:

Bermejo – Rio caudaloso del Chaco, y destinado por la naturaleza a ser una de las aortas principales de la navegación interior de esta parte del globo. El que primero lo miró bajo este aspecto fue el coronel Don Francisco Arias [...]. Arias, Cornejo y Soria son los

¹⁵ Juan Manuel de Rosas estabeleceu com os indígenas daquela região um acordo baseado em uma política de paz, que ficou popularizada como “Negocio Pacifico de Indios”. Segundo María Laura Cutrera, “era una elaborada y compleja manera de hacer política, que buscaba establecer y sostener una conveniente relación de amistad con algunas parcialidades indígenas y que se basaba en la negociación permanente. Este sistema tuvo expresiones materiales que variaron según la especificidad de las coyunturas atravesadas – prolongados parlamentos e intercambios verbales de amistad; regalos para los caciques; envíos mensuales de ganado, bienes de consumo y ‘vicios’ (raciones), por ejemplo – pero no debe ser confundido con ellas. También poseyó variantes menos tangibles, que le dieron unidad y los sostuvieron como alternativa viable. Fueron sobre todo los vínculos que ligaron a las partes” (CUTRERA, 2003, p. 20). Os vínculos relativamente harmônicos que sustentavam a relação entre os indígenas “amigos” e o governo de Buenos Aires se romperam logo após a queda de Juan Manuel de Rosas e o avanço indígena se converteu em uma verdadeira ameaça, que culminaria na célebre Campanha do Deserto de Julio A. Roca em fins do século XIX.

únicos que han intentado demostrar la posibilidad de la navegación de este río [...]. La realización de este plan depende de la importancia que le den los que deben patrocinarlo (DE ANGELIS, 1836a, p. VIII).

Esta sugestão vai ser sustentada pelo letrado durante vários momentos da “Colección”, nos quais o editor publicou as descrições das viagens citadas – de Arias, Cornejo e Soria –, explicitando os motivos pelos quais o governo deveria investir naquele caminho. No “Proemio al Diario de la Primera Expedicion de Cornejo al Chaco”, texto no qual introduzia o relato de D. Adrian Fernandez Cornejo sobre sua expedição ao Chaco realizada em 1780, Pedro de Angelis afirmava que “colocado en el centro de de un vasto territorio,¹⁶ con un caudal de aguas suficientes, el Bermejo se presenta como el mas indicado para sacar de su nulidad el Chaco, y de su asilamento á las provincias interiores del Río de la Plata”, cujos “ricos productos reclaman imperiosamente comunicaciones mas faciles con los demás estados” (DE ANGELIS, 1837, p. XI).

Considerações finais

Na já citada correspondência remetida em fins de 1835 por Pedro de Angelis ao uruguaio Florentino Castellanos, o letrado esclarecia a intenção que tinha ao reunir e configurar a sua *Colección* documental. O italiano

¹⁶ Vasto território cuidadosamente descrito por Pedro de Angelis: “Dos grandes caminos cruzan el territorio argentino: el uno sirve á las comunicaciones mercantiles de Buenos Aires con las provincias de San Luis, Mendoza, y la república de Chile; el otro, para las que la misma ciudad mantiene con Córdoba, Santiago, Tucuman, Salta y Jujuy, cuya prolongacion conduce a las provincias del Alto Perú, ó Bolívia. El primero cuenta 3194 leguas de extension hasta Mendoza, ademas de otras 104 para pasar de esta ciudad á la de Santiago de Chile por el desastroso paso de Uspallata en la Cordillera: y el segundo, abraza una extension de 528 leguas, hasta Laquiaca, que en esta direccion marca el punto de contacto de la República Argentina con la Boliviana. [...] Ventinueve leguas antes de llegar á Laquiaca, saliendo de Jujuy para el Perú, se halla Humahuaca, que según Cornejo, dista 22 leguas de las juntas del rio de Jujuy con el de Tarija, donde ambos rios, con el nombre de Bermejo, empiezan á ser navegables” (DE ANGELIS, 1837, p. VI).

escrevia que com aquela publicação, levaria ao público “uma porção de documentos importantes que jaziam sepultados”, os quais objetivava “tirar do esquecimento, e preservar da destruição”, derramando, assim, “uma grande luz sobre a história do país”:

Es verdad que, sin atribuirme otro merito, puedo creerme con el sacar del olvido, y preservar de la destrucción á una porción de documentos importantes que yacían sepultados, hace siglos, en los rincones más retirados del mundo. Su publicación derramará una gran luz sobre la historia del país, y los que quieran ocuparse de ella no sentirán la falta de materiales y noticiais, como ha sucedido hasta ahora (*apud* BECÚ; TORRE REVELLO, 1941, p. XLIV-XLV).

A frase que encerra a citação acima afiança a ideia defendida por Fábio Wasserman, para quem homens como Pedro de Angelis contentavam-se em “recopilar materiales para que éstos pudieran ser examinados en el futuro” (2008, p. 80). No entanto, como vimos, os documentos da “Colección” formavam um arquivo da Confederação rosista, servindo, também, para produzir representações do seu passado, exaltar e divulgar o projeto de Juan Manuel de Rosas, além de traçar os seus domínios e aconselhar as ações do governo. É impossível, pois, não tomar o conjunto de fontes históricas reunido por De Angelis como “monumento” (LE GOFF, 1990): ele é resultado de escolhas – e portanto, de seleção e exclusão – impostas pelo momento histórico em que foi conformado e pelos interesses e critérios do próprio sujeito que o produziu. Pensamos, assim, que a *Colección* deve ser vista como “parte do próprio processo de construção de discurso sobre o passado” (HEYMANN, 2012, p. 23).

Casualmente, a *Colección de documentos y obras* acabou sendo lembrada, mais tarde, por Domingo Faustino Sarmiento exatamente como “monumento”: “La colección de Angelis es [...] el monumento nacional más glorioso que pueda honrar a un Estado americano, y a De Angelis, que emprendió la publicación, le debe la República lo bastante como para perdonarle sus flaquezas” (1944, p. 384). Para Wasserman, a obra de De Angelis importa por “su propia existencia y su carácter secuencial que

evidenciaban tanto el pasado valioso y digno de recuerdo que tenían los pueblos del Plata como los avances producidos en el presente para lograr su conocimiento” (2010, p. 31). Quando realizou sua obra, Pedro de Angelis acreditava que em suas mãos estavam a memória e o esquecimento da história argentina e foi por isso que ele não poupou esforços para reunir documentos e divulgá-los em uma edição impressa. Seu trabalho, mesmo que sustentasse e divulgasse o governo de Juan Manuel de Rosas e delineasse a sua Confederação, acabou orientando muitos estudos que, após a *Colección* e, especialmente, o fim daquele governo, seriam realizados sobre passado argentino: até hoje, o seu conjunto de fontes é referência para os investigadores que pesquisam e escrevem a história daquele país.

Referências

Documentação primária

- CARTA DE DON PEDRO DE ANGELIS A DON FLORO CASTELLANOS, sobre sus tareas editoriales, la publicación de documentos históricos y envío de algunos impresos. In: BECÚ, T.; TORRE REVELLO, J. *La Colección de Documentos de Pedro de Angelis y el Diario de Diego de Alvear*. Buenos Aires: Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser Ltda., 1941, p. XLIV.
- DE ANGELIS, P. *Colección de obras y documentos relativos a la historia moderna y antigua de las Provincias del Río de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836a. Tomo I.
- _____. *Colección de obras y documentos relativos a la historia moderna y antigua de las Provincias del Río de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836b. Tomo II.
- _____. *Colección de obras y documentos relativos a la historia moderna y antigua de las Provincias del Río de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836c. Tomo III.
- _____. *Colección de obras y documentos relativos a la historia moderna y antigua de las Provincias del Río de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836d. Tomo IV.

- _____. *Colección de obras y documentos relativos a la historia moderna y antigua de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837. Tomo VI.
- ECHEVERRÍA, E. *Obras completas*. Compilación y biografía por Juan María Gutiérrez. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, 1873. Tomo IV.
- FLORENCIO VARELA A JUAN MARÍA GUTIÉRREZ, carta del 31 de octubre de 1835, desde Montevideo. In: MOGLIA, R.; GARCÍA, M. (Ed.). *Archivo Del Doctor Juan María Gutiérrez*. Epistolario, Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 1979-1981. (Tomo I).
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. *Coleção Instituto Histórico*. Lata 180. Doc. 75. Circular de Pedro de Angelis pedindo a assinatura para uma obra que pretende publicar sobre as Províncias do Rio da Prata. Buenos Aires, março de 1841.
- SARMIENTO, D. F. *Obras selectas*. Edición ordenada, revisada y precedida por un estudio preliminar por Enrique de Gandía. Buenos Aires: Editorial La Facultad, 1944.

Obras de apoio

- AMANTE, A. *Poéticas y políticas del destierro*. Argentinos en Brasil en la época de Rosas. Buenos Aires: FCE, 2010.
- BECÚ, T.; TORRE REVELLO, J. *La Colección de Documentos de Pedro de Angelis y el Diario de Diego de Alvear*. Buenos Aires: Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser Ltda., 1941.
- BERNALDO DE QUIRÓS, P. *Civilidad y política en los orígenes de la nación argentina*. Las sociabilidades en Buenos Aires, 1829-1862. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.
- BOUZA, F. *Imagen y propaganda*. Capítulos de historia cultural del reinado de Felipe II. Madrid: Akal, 1998.
- CUTRERA, M. *Subordinarlos, someterlos y sujetarlos al orden*: Rosas y los indios amigos entre 1829 y 1852. Buenos Aires: Teseu, 2003.
- DE CERTEAU, M. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002.
- DÍAZ MOLANO, E. *Vida y obra de Pedro de Angelis*. Buenos Aires: Librería y Editorial Colmegna, 1968.

- GALLO, K. A la altura de las luces del siglo: el surgimiento de un clima intelectual en la Buenos Aires posrevolucionaria. In: ALTAMIRANO, Carlos; MYERS, Jorge (Org.). *Historia de los intelectuales en America Latina*. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: Katz Editores, 2008, p. 184-204.
- GRAFTON, Anthony. *As origens clássicas da erudição*: pequeno tratado sobre as notas de rodapé. São Paulo: Papyrus, 1998.
- LE GOFF. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- MYERS, J. *Orden y virtud*. El discurso republicano en el regimen rosista. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1995.
- RICOEUR, P. *A memória, o esquecimento, o silêncio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- SÁBATO, H.; LETIERRI, A. *La vida política en la Argentina del siglo XIX*: armas, votos y voces. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- SABOR, J. *Pedro de Angelis y los orígenes de la bibliografía argentina*: ensayo bibliográfico. Buenos Aires: Solar, 1995.
- SALVATORE, R. Consolidación del Régimen Rosista (1835-1852). In: GOLDMAN, N. (Dir.). *Nueva Historia Argentina*. Tomo III: Revolución, República, Confederación (1808-1852). Buenos Aires: Editorial Sudamérica, 1998, p. 323-380.
- SCHEIDT, E. *Carbonários do Rio da Prata*: jornalistas napolitanos e a circulação de ideias na Região Platina, 1827-1860. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- TERVANASIO, M. *Historia de Argentina*. 1806-1852. Buenos Aires: Siglo Ventiuno Editores, 2009.
- WASSERMAN, F. *Entre Clio y La Polis*: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860). Buenos Aires: Editorial Teseo, 2008.
- _____. Libertad de imprenta y sus limites: prensa y poder político en el Estado de Buenos Aires durante la década de 1850. *Almanack Braziliense*, São Paulo, n. 10, p. 130-146, nov. 2009.
- _____. La historia como concepto y practica: conocimiento histórico en el Río de la Plata (1780-1840). *História da Historiografia*, n. 4, p. 15-36, 2010.
- WEINMANN, Luciana Quillet. *O lugar do arquivo*: a construção do legado de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.